

DESMANCHANDO CIDADES E PROMESSAS: UMA LEITURA DE DOMINGOS SEM DEUS, DE LUIZ RUFFATO.

Wellington Augusto da Silva (UFRRJ)

RESUMO: A passagem das populações trabalhadoras, do universo rural ao urbano, é o contexto em que se desenvolve o ciclo de romances *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato, obra que, nas palavras de seu autor, busca ser a reconstrução da “história do proletariado brasileiro”. A ficcionalização das cinco últimas décadas nacionais, iniciada em 2005, chega ao término com “Domingos sem Deus”, de 2011. Neste livro, linguagem e temas trabalhados ao longo da pentalogia se apresentam como linhas de encerramento, demonstrando coerência e unidade no projeto literário a que se propôs Ruffato. O presente trabalho tem por objetivo averiguar as representações urbanas (Rio de Janeiro, São Paulo, Cataguases), buscar uma caracterização dos personagens bem como as relações entre estes sujeitos e seus locais, tendo por base o citado volume. Para interpretar as narrativas, propõe-se uma leitura, articulando-as a partir da noção “derrotismo programático”, o dispositivo artístico-formal que estrutura a pentalogia. Espera-se verificar, com isso, o modo como as promessas nacional-desenvolvimentistas, espalhadas ao longo de *Inferno Provisório*, se amoldam ao presente ciclo de modernização brasileira.

Palavras-chave: Literatura e sociedade. Ficção brasileira contemporânea. Modernização capitalista. *Inferno Provisório*. Representações da cidade.

É conhecida a formulação de Roberto Schwarz sobre a passagem do campo à cidade, operada pelo nacional-desenvolvimentismo, na metade do século XX:

Os novos tempos [do nacional-desenvolvimentismo] desagregavam à distância o velho enquadramento rural, provocando a migração para as cidades, onde os pobres ficavam largados à disposição passavelmente absoluta das novas formas de exploração econômica e de manipulação populista. (SCHWARZ, 1999, p. 156)

Inferno Provisório pode ser lido como um conjunto de variações em torno desse tema, e o quinto volume, *Domingos sem Deus*, uma avaliação das promessas do nacional-desenvolvimentismo, a partir do presente. Por este ponto de vista, o leitor percebe, com os olhos já treinados pela pentalogia, um tipo de refuncionalização daqueles antigos enquadramentos, agora no espaço urbano contemporâneo. Um procedimento-chave da obra de Ruffato é o trabalho enfático com a memória de seus personagens. Na rememoração figurada, é possível ler a dinâmica das relações entre indivíduo e sociedade. Este olhar retrospectivo nos permite afirmar que a organização

do presente *experimentado* e o passado *vivido* pelas personagens é um elemento estrutural.

Acreditamos que o modo construtivamente fragmentado pelo qual o escritor organiza a sua matéria decorre daí. Consideramos *Inferno Provisório* como um romance, embora altamente fracionado, para dar conta, por um lado, do impulso geral de fragmentação. Por outro, para sinalizar que as pequenas narrativas são orgânicas a um arranjo mais geral. Nossa opinião é de que a obra de Ruffato se alimenta da elasticidade da *forma romance*, bastante flexível para se moldar a diferentes materiais e contextos.

O ponto de chegada de *Inferno Provisório*, a primeira década dos anos 2000, pode ser considerado, com boa vontade, como uma quase superposição do presente da escrita com a leitura da obra: escritor que consolida sua forma literária, leitor que a acompanha. Fecham-se as linhas de força, fecha-se também uma interpretação sobre ela.

Em *Domingos sem Deus* se lê um final da corrida pela modernização, afinado no tom menor das angústias cotidianas daqueles que trabalham. O livro exercita com perícia o procedimento implementado ao longo da pentalogia: ele se concentra nos momentos de ruína de seus personagens, por meio de narrativas que ressaltam o caráter sintético e resumido dessas vidas. Aquele processo histórico amplo se problematiza, através do tom menor da memória, construída ao rés do chão do trabalho alienado. A travessia conturbada entre os vários interiores e as metrópoles se configura como incompletude. Neste sentido, os protagonistas do volume estão atados ao passado interiorano, tal qual uma fantasmagoria, mas que a ele retornam como uma obsessão, da qual não conseguem se livrar.

O encurtamento concentrado da matéria é apresentado aos pedaços e esse caráter móvel nos permite tentar uma leitura por agrupamentos. Com esta estratégia, queremos indicar que uma rigorosa unidade se esconde por baixo do aparente fracionamento do romance.

Neste arranjo possível que sugerimos, as seis narrativas do volume se apresentam como miniatura de todo o *Inferno Provisório*. Em *Domingos sem Deus*,

estão figurados, por exemplo, adolescentes catapultados da vida dura e pacata do interior, filhas de patriarcas decadentes cujos casamentos geram desilusões e traições conjugais. Em graus diferentes, todos ligados à pequena Rodeiro e Cataguases, que encontram pontos de fuga nas promessas de estabilidade e bonança no Rio de Janeiro e em São Paulo, na metade final do século XX.

Dividido rigorosamente ao meio, o livro se organiza em dois blocos com três narrativas cada que ilustram duas linhas de força de *Inferno Provisório*. Os protagonistas idosos de “Mirim”, “Sem remédio” e “Trens”, compõem o traço de fechamento do ciclo nacional-desenvolvimentista. São expressões disso: o operário Valdomiro, aposentado por invalidez, cujas “pernas varizentas arrastaram-no” “pelo cemitério caótico”, na última cena, em que retorna a Rodeiro e reconhece “nada, nada, nada, só mato...” A segunda protagonista, a dona de casa Ana Elisa, de vistas *arranhadas* já na meia idade, dependente de tranquilizantes, que *zumbiza* pela casa, à espera do marido que lhe trai”. E, por fim, a costureira D. Nica, a matriarca da conhecida família Finetto, desagregada desde o primeiro volume de 2005, agora com suas pernas *arruinadas*, que sintetiza sua vida como um *resto*.

O segundo bloco não fica atrás na exposição das tragédias cotidianas. Entretanto implementa aquela outra linha de força que se abre à contemporaneidade. Nele, estão inseridas a boa narrativa “Sorte teve a Sandra”, em que a vivência dessa personagem repisa o ângulo do pobre agregado submetido à prática do favor; “Milagres” que põe em cena um representante comercial e o mecânico de beira de estrada, ambos conterrâneos de Rodeiro. Por fim, “Outra fábula” revisa a experiência de Luis Augusto, de adolescente interiorano a jornalista de meia idade, na São Paulo de 2002.

Se comparado ao primeiro bloco, mais estático, de protagonistas em fim de linha, cujas esperanças estavam vinculadas à saída de Rodeiro e Cataguases, o segundo abre um veio dinâmico, em que o trabalho memorialístico se projeta a partir do Rio de Janeiro e São Paulo. O operário fabril e as trabalhadoras domésticas do ciclo nacional-desenvolvimentista cedem espaço a profissionais liberais, autônomos e informais do neoliberalismo. A sociabilidade ensimesmada deste segundo time de personagens,

marcada pela sobrevivência a qualquer custo na cidade grande, contrasta com certa passividade com que os protagonistas idosos narram a experiência do seu passado.

Valdomiro, Ana Elisa e D. Nica, dentro dos códigos de acomodação social permitidos pela promessa de expansão do trabalho formalizado, estão em franca oposição a Sandra, Nilo e Luis Augusto que, de dentro e a partir da cidade grande, têm de se haver com a competição selvagem, sentindo na pele a ilusão do lugar ao sol, no capitalismo. A correspondente nacional-desenvolvimentista do *trabalho para todos* é substituída pelo neoliberal *salve-se quem puder*. Neste segundo bloco de narrativas, há inúmeras referências às mercadorias que simbolizam esta mudança de subjetividade e conduta dos personagens: são marcas de cigarros, roupas, bebidas, aparelhos eletrônicos. Estamos sugerindo que estas metades reconstroem processos históricos vividos, na ótica das classes populares, sob a transição daqueles ciclos sociais. Assim consideradas, as partes unificam a obra que, por sua vez, demonstra continuidade e não ruptura entre aqueles processos.

Até agora os personagens. Mas a categoria *espaço* também tem valor na interpretação da obra. A forma como as cidades são descritas pelo narrador revela sentidos atribuídos à transição incompleta. A partir de indivíduos desenraizados de Rodeiro ou de Cataguases, estas cidades adquirem conotação amplamente negativa. Ora são “pedaço estagnado no tempo”, para o cosmopolita Luis Augusto, ora é “lugar onde a vida desandou”, para a costureira Nica. Ou ainda uma compensação rebaixada para a orgulhosa Sandra, aidética que recebe pensão miserável por conta do favor de um médico influente; ou mesmo lugar do mandonismo a que é submetido o antigo agregado dos Bicio, o mecânico de beira de estrada Gilson.

Se o interior é racionalizado ou assim experimentado, as metrópoles são espaços amplamente contraditórios, ainda que impregnados por negatividade. Nelas são percebidas mais claramente as promessas do ciclo de bonança vivido pela sociedade brasileira, seguidos da derrocada daquele projeto: é promessa e frustração da liberdade para o mecânico Gilson, a vida entre próspera e decadente para a família de Ana Elisa; é também lugar de emancipação e isolamento para o operário Valdomiro, é vivacidade e

doença para Sandra. A síntese (um tanto desgastada), mais uma vez, cabe a Luis Augusto: São Paulo é “um mundo”.

A essa percepção da megalópole, única e contraditória, corresponde a voz narrativa. Nos momentos decisivos dos enredos, percebemos que a recriação da oralidade popular vivaz, pouco a pouco, perde espaço para uma sintaxe normativa, de registro culto. Quando visto em movimento, esse narrador em 3ª pessoa nos parece um tanto desajustado frente ao efeito que causa (de objetividade, intimidade e simpatia). Nesse desajuste de oralidade popular vivaz e normatividade sintática; precariedade da matéria e procedimentos de racionalização, vemos uma simulação de um processo histórico: a ascensão social dos pobres, patrocinada tortuosamente pelos anos do nacional-desenvolvimentismo. Esse estilo, em que coexiste notações objetivas com trechos líricos e comoventes, consolida-se como uma voz que se quer autorizada a representar o cotidiano precário.

Se é o romance quem tem aspiração à totalidade e ao realismo, *Inferno Provisório* participa deste esforço, no entanto, com qualidade diferente. Suas narrativas não se concentram no movimento geral das classes articuladas. O foco diminuto, no dia-a-dia miúdo de um estrato social e suas precárias franjas, internaliza a dimensão dos projetos nacionais que a obra mimetiza.

Considerado desta maneira, precisamos apontar no romance uma regra de funcionamento que o organize. A esta lógica chamamos de *derrotismo programático* por verificarmos as seguintes regularidades: a) comportamentos desesperançados dos protagonistas, b) certo tom trágico dos desfechos e c) observações decisivas do narrador sobre o flagelo que é a vida dos pobres no capitalismo. Esse padrão de composição fixa uma imagem de cunho desolador sobre o cotidiano dos trabalhadores sob a modernização: acomodação às várias formas de violência, tendência à suspensão dos conflitos; forte idealização do passado interiorano e o correspondente fracasso na integração à metrópole. Resulta disso, o bloqueio de soluções coletivas.

Visto desse ponto, o derrotismo programático pode ser lido como uma decantação da experiência social dos pobres a partir da falência do nacional-desenvolvimentismo. Entretanto, esse dispositivo que fixa aquela imagem sobre a subjetividade dos pobres, encontra no desfecho da pentalogia o ponto de ressignificação de toda a história que se propõe a recontar. A solução que o dispositivo artístico propõe para o abandono das ilusões nacionalistas, ainda que sensíveis à miséria, é profundamente marcado pelo desmanche neoliberal, operado no período posterior.

Para finalizar, duas narrativas ilustram a análise da modernização produzida pelo derrotismo programático. Em “Sorte teve a Sandra”, é possível ler uma nova face da mobilidade social, cujo ponto de chegada é, precisamente, a cidade violenta e hiperconsumista. A experiência urbana de Sandra, empregada doméstica desde a infância, sem direitos sociais, mãe solteira e abandonada por um golpista e, no fim da vida, aidética, é alardeada no bairro da infância interiorana, como:

sorte, porque, ao invés de encafiar-se em Cataguases (...), correria o mundo, tornara-se esperta, astuta, ladina e agora podia desfilar pavã pelas ruas da cidade.... (RUFFATO, 2009, p.51)

Por trás do cortejo de misérias, lê-se aí um modo de integração dos pobres, apartados do mundo do trabalho formal, no circuito dos cálculos de aparências e chantagens. Certamente, uma das formas perversas de pertencimento à modernização brasileira.

Em “Outra fábula”, o comportamento de Luis Augusto é marcado, ora pela *resignação* que lhe imprime uma “vida *mediocre*” de “rendimentos ordinários”, ora “aceitando o papel que a cada um cabe neste mundo, uns nascem para arrolar orgulhosos seus êxitos (...), outros, desacorçoados, afundam obscuros em imundos botequins da periferia da cidade” (RUFFATO, 2009, p. 79)

A busca pela integração ao circuito urbano, violento e modernizado, reforça no último protagonista de *Inferno Provisório* o desejo de apagar suas origens. No jornalista maduro que “todos os dias dos últimos vinte anos dedicara a apagar os vestígios de sua

passagem por Cataguases (...)” (RUFFATO, 2009, p. 83), está contido o jovem Guto que, ao conhecer a futura esposa, sente-se:

“absorvido pelo anseio de banhar-se em águas que eliminasse aquela tênue camada que recobria-lhe a pele (...) um mundo antigo do qual buscava avidamente escapar (RUFFATO, 2009, p. 103)

A passagem do adolescente, que sai do “pedaço estagnado no tempo”, para a “São Paulo que é um mundo”, forja as bases de uma subjetividade, moldada na rede hostil neoliberal. Completo está o percurso de ascensão social do jornalista fracassado cujo ponto de chegada é um individualismo que recompensa “quem tem vontade” (RUFFATO, 2009, p. 78). A última narrativa de *Inferno provisório* reitera a precondição para instaurar um mundo novo: é a sua própria história isto “tudo, tudo Luis Augusto buscava esquecer” (RUFFATO, 2009, p. 106).

Poderíamos dizer que a proposta de “épico do proletariado brasileiro dos últimos 50 anos” lê, então, contraditoriamente as promessas do nacional-desenvolvimentismo e paga o preço do desmanche neoliberal, contemporâneo à escrita de Ruffato. A interpretação que o derrotismo programático faz pode ser descrita assim: a) a transição do interior à metrópole tem, na sua incompletude, a sua forma final; b) Cataguases, para os personagens que vivem a metrópole na sua contradição e desenraizamento, é uma fantasmagoria; c) A ficção, com foco reduzido às tragédias cotidianas, substitui a nação como parâmetro de totalização; d) abandonado esse paradigma, passa-se a um tipo de análise de classe; e) a sociabilidade ligeiramente progressista do nacional-desenvolvimentismo anterior passa-se ao individualismo neoliberal; f) na perspectiva de integração social dos pobres, substitui-se o trabalho (industrial, formal, mas sempre alienado) pelo mercado.

Referências

RUFFATO, Luiz. *Domingos sem Deus*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.